

IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES EM SOCIEDADES RECREATIVAS DE AFRODESCENDENTES EM LAGUNA (1930–1950)

Júlio César da Rosa ¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a fundação das Sociedades Recreativas Cruz e Sousa e União Operária (SRUO), construídas por afrodescendentes em Laguna, Santa Catarina, no pós-Abolição, entre 1903 e 1950. Tal estudo pretende apreender as tensões entre sujeitos autodenominados mulatos e pretos, compreendendo essas identidades a partir do lugar social ocupado pelos membros de cada associação. Procuramos entender qual era o significado de ser “mulato” e de ser “preto” para aqueles homens e mulheres naquele contexto, e o que os levou a silenciar e/ou ocultar uma identidade étnico-racial. Diante de embates e problemas em relação à memória, acreditamos que a mesma pode evidenciar experiências de tempo que, evocadas pela mediação do entrevistador, trazem histórias de pessoas comuns que a historiografia tradicional invisibilizou e/ou ignorou no transcurso dos processos históricos. Deste modo, intentamos perceber a construção dessas identidades, e como estas memórias reforçaram uma identidade preta e mulata, e como as mesmas, foram produzidas e pujantes nestes espaços de sociabilidade. Evidenciamos a organização dos clubes recreativos, percebendo dinâmicas, lugares estratégicos de associativismo, possíveis redes tecidas com outros clubes, projetos coletivos, aspirações e expectativas quanto à ascensão social, visibilidade e respeitabilidade na luta por inserção social.

Palavras-chave: História. Sociedades Recreativas. Pós-Abolição. Associativismo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende discutir a trajetória (através da prosopografia)² dos clubes União Operária e Cruz e Sousa no período que compreende os anos de 1903 até 1950. Este recorte temporal parece extenso, mas se faz necessário, pois entendemos que a década de 1900 comporta a criação de diferentes clubes desta natureza no Brasil e, em Santa Catarina, a

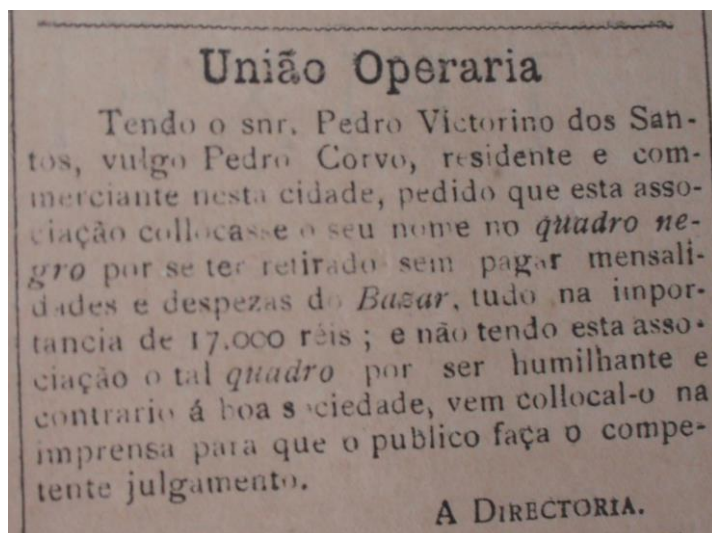
¹ Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina em 2011, doutorando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob a orientação do Prof^o Dr. Paulo R. Staudt Moreira. Bolsista de Pós-Graduação FUMDES-SC. Contato: juliusdarsosa@gmail.com. ² A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Consultar: STONE, Lawrence. Prosopografia. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011. Este texto foi originalmente publicado na revista *Dædalus* (Cambridge, Mass., v. 100, n. 1, p. 46-79, Winter 1971), sob o título de “Prosopography”. Tradução de Gustavo Biscaia de Lacerda e Renato Monseff Perissinotto.

organização destes espaços também ocorre nesta virada de século. Já os anos 1950 marcam o momento em que, de maneira tímida, em algumas regiões do país, os clubes começaram a ser para “todos”, não utilizando de maneira explícita o caráter racial como fator de separação ou distinção entre os membros de clubes², em especial quando trabalhamos com experiências de alguns estados do Sul e Sudeste.

O surgimento dos clubes organizados por homens e mulheres de origem africana e seus modos organizativos constitui elementos significativos para compreendermos as experiências de diferentes sujeitos históricos da cidade de Laguna naquele período, atentando para as tensões existentes entre os seus integrantes e possíveis motivos e disputas que conduziram a atuação destas duas agremiações de origem africana.

Há indícios de que as tensões entre alguns membros, associados da agremiação Sociedade Recreativa União Operária, contribuíram para o surgimento de outra agremiação denominada Club Literário Cruz e Souza. Conjeturamos que esta cisão, entre os agremiados, se deu com a cobrança de uma suposta dívida e a exposição do devedor em periódico da cidade de Laguna, conforme indica o anúncio no jornal *O Albor*.

Imagem 1 – Notícia sobre o Clube União Operária e a suposta dívida do ex-associado



Fonte: Jornal O Albor, Laguna, 19 de agosto de 1906, n 200.

² Enfatizamos que isso não significa o fim do racismo na sociedade brasileira, mas, talvez, uma nova etapa de sua configuração.

O senhor Pedro Victorino dos Santos, comerciante na cidade de Laguna, ao ver seu nome sendo exposto ao público da cidade, responde àqueles que o expuseram, como também explica os possíveis motivos que levaram ao surgimento de outra agremiação na cidade.

Este fragmento da nota do Senhor Pedro Victorino dos Santos, publicada no jornal *O Albor*, indica que o associado deixou a agremiação, provavelmente por algum desentendimento ocorrido entre seus membros. Tudo teria começado quando o antigo associado anunciou seu desligamento da agremiação e foi quitar seu débito no valor de 13 mil réis com a sociedade e lhe estavam cobrando 17 mil réis, valor que ele se negou a pagar.

Eis a razão que venho, por estas humildes linhas, explicar, aos numerosos leitores deste conceituado órgão, o ocorrido; de fato sim fui sócio contribuinte infelizmente desta sociedade que desgraçadamente se denomina - União Operária - o que posso afirmar - melhor seria que se denomina Desunião Operária; porque o público saberá bem patente, bem claro a razão da fundação da Sociedade Cruz e Souza e com o artuquete que fui alvo das suas paixões. Desunião ou União Operária. Logo fiz o que qualquer cidadão faria, este e aquele que ganha honradamente [seu dinheiro], aquele que não faz parte de sociedades de encantos como público bem deve estar ciente que estas sociedades, medram só no calor do entusiasmo, para fenecer, nas mãos de proprietário que ocupam; logo neguei a pagar semelhante quantia [...] mandei que podiam colocar meu nome no quadro negro; que equivalia dizer-lhe que gravasse meu nome nas suas consciências negras e pútridas, no farejar do álcool na esperança dos meus magros cobres. Eis meus caros leitores tudo o quanto houve (sic). (JORNAL O ALBOR. Laguna, 24 de agosto de 1906, n. 205).

Pedro Victorino exterioriza indignação e ressentimento em seu artigo e aqueles que não se identificavam ou sentiam-se excluídos do União Operária encontrariam lugar no Cruz e Sousa. A citação acima possibilita perceber que estes espaços de sociabilidade geraram disputas acirradas, possivelmente refletindo na identificação dos grupos de *preto* ou *mulato*.

Além de uma cobrança supostamente indevida, o sócio apontava a utilização dos recursos financeiros da agremiação para fins pessoais de alguns membros. Esta interpretação, de uma apropriação indevida, supostamente pode ter gerado o descontentamento de alguns membros, o que originou a fundação de outra sociedade recreativa em Laguna, também formada por afrodescendentes: o Clube Literário Cruz e Sousa, conhecido na cidade como o clube de *pretos*, enquanto o União Operária se destinava aos *mulatos*.

Analisando o livro de registro de sócios e as atas de fundação das duas sociedades, encontramos pessoas autoidentificadas como *mulatas* que frequentavam tanto o União

Operária quanto o Cruz e Sousa, todavia o contrário não ocorria. Não encontramos sócios *pretos* no União Operária. Após estas constatações, nossas pistas indicam que, talvez, alguns fatores, para além daquele conflito, tenham gerado a separação em grupos distintos, dos nossos protagonistas em Laguna. Analisando as memórias dos entrevistados e as fontes das sociedades recreativas, presumimos que o surgimento da identificação *preto* e *mulato* ocorreu a partir da ruptura entre os membros da Sociedade Recreativa União Operária com a publicação do artigo expondo o senhor Pedro Victorino dos Santos, e sua resposta contestando a suposta dívida contraída e explicitando a fundação do Cruz e Sousa.

Se as notas dos jornais não discorrem sobre a divisão dos clubes a partir da cor, as memórias dos associados apontam que o Cruz e Sousa surgiu para ser clube dos *pretos*.

O Cruz e Sousa. Ah, eles foram fundados por causa da cor, né, da raça. Entendeu? Porque naquele, no meu tempo era assim. Tinha o Operária era de moreno, de moreno entende?! o Sousa era de preto. Quer dizer, quem dançava lá no de preto não dançava cá, na Operária que, que era dos moreno tá!³

Os motivos que levaram à fundação do Cruz e Sousa e as memórias dos associados divergem em certa medida, mas estas memórias e as fontes escritas indicam que havia a circulação de *mulatos* como membros da diretoria do Cruz e Sousa, no entanto o inverso não ocorria. Os *pretos* foram interditados de fazer parte da diretoria e frequentar aquele espaço a partir do momento em que houve a ruptura entre os membros do União Operária, dando origem ao Cruz e Sousa.

Ante a tensão entre esses afrodescendentes, possivelmente criou-se a necessidade de diferenciação como forma de inclusão/exclusão, sendo que, as estratégias adotadas, de forma consciente ou inconsciente, pelo grupo que permaneceu no União Operária, operavam por meio da distinção social e do tom da pele.

Além de não permitirem mais a entrada daqueles então identificados como *pretos* nesta sociedade, os *mulatos* passaram também a se identificar como um grupo de maior *status* social. Como destaca a memória da depoente Marli Brum, estes afrodescendentes de Laguna faziam parte de uma “elite negra”, colocando-se como se fossem superiores àqueles que não faziam parte do seu espaço de sociabilidade.

³ BENTO, Antônio Paulo. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.

O União Operária já era diferente, o União Operária as pessoas além de serem um pouquinho mais abastados, né, assim numa melhor situação financeira eram mais claros então se julgavam superiores aos outros, coisa triste né mais fazer o que?⁴⁵

Percebemos, por meio das memórias dos depoentes, que a diferenciação entre aqueles identificados como *pretos* e *mulatos* foi utilizada para qualificar/desqualificar pessoas, numa disputa entre grupos de afrodescendentes com o uso de categorias étnico-raciais nas (auto)classificações, reproduzindo relações de poder e hierárquicas baseadas na cor da pele e status social.

Diante da tentativa de qualificar/desqualificar “o outro”, os afrodescendentes que permaneceram no União Operária também tentavam fugir de estigmas e estereótipos que a categoria “negro” carregava, utilizando os termos *preto* e *mulato* para se aproximar da cidadania, ocultando e/ou silenciando sua origem étnico-racial. Talvez esse conflito tenha marcado o possível distanciamento de um grupo de não brancos de pele mais clara, daquele grupo de não brancos de pele mais escura, a “nomeação de mulato ou moreno, para os sócios do União Operária, serviria para demarcar o status social, ou sofrer menos discriminação e ser mais aceito, dessa forma torna-se mulato/moreno representaria uma marca de ascensão social”⁶.

Em estatutos e atas da Sociedade Recreativa União Operária e vestígios deixados pelo Club Literário Cruz e Sousa no periódico local, *O Jornal O Albor*, não constam informações sobre o público específico que as frequentava, mas as memórias dos entrevistados afirmam que os *pretos* conviviam no Cruz e Sousa, e os *mulatos* no União Operária. Como indicam Marli Brum e João Manoel Vicente,

O União Operária era de mulatos, geralmente mulatos claros, era o caso da minha mãe né, e o Souza frequentava, os mais escuros pretos negros mesmo, então os negros pretos sonhavam um dia botar os pés na Operária sabe, isso contado pela minha mãe.⁶

E você vê a fala que me interessou: Cruz e Sousa. Arcelino Gonzaga. Eu não conheci. Afonso Sabino, esse eu conheci. Afonso Sabino morava ali na Praça Cesar

⁴ BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista. ⁶ SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). *Revista Brasileira de História*, vol. 35, 2015, n. 69. p.

⁵ -154

⁶ BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista.

França de Magalhães. Era um mulato gordo, músico né. Adolfo Campos. Era um mulato também que trabalhava na Prefeitura né.⁷ (sic)

Se as memórias desses depoentes afirmam que havia um clube para *pretos* e outro para *mulatos*, como explicar que somente estes últimos transitavam em ambas as agremiações? Como era feita a classificação entre esses sujeitos? E como classificavam quem era *preto* e quem era *mulato*? E por que os membros do Cruz e Sousa não ocupavam também a diretoria do União Operária? Por que para essas pessoas (*mulatas*) havia a possibilidade de transitar e ocupar cargos nas duas associações? Em que medida os estigmas da escravidão contribuíram para esta provável diferenciação e consolidação de dois clubes de origem africana, mas com identidades distintas? Os depoimentos dos entrevistados devem ser analisados criticamente e, neste sentido, precisamos perceber também como novas ressignificações dos termos negro, preto e mulato podem influenciar as memórias e a construção de narrativas sobre o passado.

Em entrevista com o senhor Antônio dos Reis, ex-maestro da Banda União dos Artistas e funcionário aposentado do porto de Laguna, antigo sócio do clube, o senhor “Cacique”, como era conhecido no município, salientou que sócios e frequentadores daquele espaço trabalhavam no comércio⁸, eram pequenos comerciantes varejistas. Para participar daquela sociedade, conforme relatou Antônio dos Reis, a escolaridade daqueles que pretendiam participar da agremiação era uma condição determinante para ser aceito como sócio.

Ele relata que o clube era uma sociedade “fechada”, sendo permitida a entrada de não sócios apenas com convite. Para associar-se era necessário ser proposto por um sócio mais velho, passar por uma comissão de sindicância, que aprovaria ou não a proposta da indicação, como percebemos no Capítulo II, Artigo 4º, parágrafo primeiro do estatuto da sociedade: “condiciona-se a admissão de sócios contribuintes ao preenchimento da respectiva proposta e aceitação pela Diretoria bem como o pagamento de jóias e mensalidades no prazo de trinta dias improrrogáveis”^{9,10}.

De acordo com registros do SRUO, Antônio dos Reis integra o quadro de sócios a partir do ano de 1941, trinta e oito anos depois da fundação da associação (Livro Ata da

⁷ VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

⁸ Reis, Antônio dos. Entrevista concedida a Julio Cesar da Rosa. Laguna, 22 de fevereiro de 2008. Entrevista.

⁹ **Ata de Fundação da Sociedade Recreativa União Operária**, Cartório de Registro Civil de Laguna, 1965, p.

¹⁰ .

Sociedade Recreativa União Operária, 1938, p. 33). Nesse sentido, compreendendo os embates e os problemas em relação à memória, podemos interpretar que as lembranças deste agremiado tenham se entrelaçado às memórias dos fundadores, quando ele afirma que em seu quadro de sócios fundadores existiam somente comerciantes. A memória individual do nosso depoente consistiu em fortalecer a ideia de que aquela agremiação, desde o início, constituiu espaço para pessoas bem-sucedidas. Ou, talvez, que embora fosse um clube para determinado grupo social, ele mesmo tinha alcançado uma posição que lhe permitiu participar daquele espaço, já que não era um comerciante.

Com relação à memória corroboramos com Michael Pollak quando afirma que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 204). Além de sua subjetividade, a memória coletiva, como saliente Ecléa Bosi “se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo” (BOSI, 2004, p. 411). Continua, ainda, “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a quem tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (IDEM).

E nessa perspectiva, o nosso depoente ao lembrar o que lhe foi transmitido ao longo dos anos sobre a fundação do SRUO, ao evocar suas memórias, o que ficou preso a ela, o que lhe foi transmitido na convivência familiar e nos espaços de sociabilidade, são enfatizados através da memória que, “grava”, “recalca” ou “exclui”, de forma consciente ou inconsciente, característicos do processo de elaboração e reelaboração da memória seja ela coletiva ou individual. Nosso depoente registrou o que mais significava para ele, ou seja, o lugar social dos membros daquela sociedade.

Se as memórias desses depoentes afirmam que havia um clube para pretos e outro para mulatos, como explicar somente os mulatos transitando em ambas as agremiações? Como era realizada a classificação entre esses agentes sociais? E como eles classificavam quem era preto e quem era mulato?

Transcrevemos abaixo a composição da primeira diretoria do Cruz e Sousa, anunciada no jornal, quando o então presidente José Thomaz de Oliveira, segundo fiscal na diretoria de 1904, e o tesoureiro Affonso Sabino, faziam parte do quadro de sócios da Sociedade Recreativa União Operária,

Presidente: José Thomaz de Oliveira
Vice-presidente: José Antônio de Oliveira
Thesoureiro: Affonso Sabino
1 e 2 secretários: João José de Souza e Antônio Sabino
1 e 2 procuradores: Algamil Luiz da Silva e Antônio Cardoso e
1 e 2 Fiscaes: Antônio Cabral e Antônio João Ventura (sic). (O ALBOR. Laguna, 31 de maio de 1908, n. 291)

O Clube Literário Cruz e Sousa teve sua primeira sede na Rua Voluntário João Firmiano (O ALBOR. Laguna. 06 de agosto de 1906, n. 198). No dia 14 de outubro de 1906, sua nova sede fora inaugurada na Rua Conselheiro Mafra (O ALBOR. Laguna. 14 de outubro de 1906, n. 208). No entanto, não conseguimos identificar qual casario daquele espaço era a sede do clube. E, no último endereço constava Rua Osvaldo Aranha, porém não encontramos registros que nos fornecessem a data da transferência para este último endereço, mas percebemos que todos os espaços ocupados pela agremiação compunham a região central de Laguna, assim como o clube União Operária.

Segundo *O Albor*, de 22 de agosto de 1915, havia quatro membros do União Operária que faziam parte também do Cruz e Sousa: o presidente José Thomaz de Oliveira, o vice-presidente Antônio Felisberto da Rosa, negociante na cidade, Philastro C. da Cruz, profissão diarista, e o funcionário público Adolpho Campos. Em 13 de maio de 1917, o presidente em exercício era Affonso Sabino, o vice-presidente era José Thomaz de Oliveira, o orador oficial era Levy Limas, profissão carpinteiro, e João Domingos - pintor e zelador do clube na nova diretoria do Cruz e Sousa -, todos sócios também do União Operária.

Com estas evidências podemos perceber que as fronteiras desses espaços de sociabilidade e lazer eram rígidas, como também afirmaram nossos entrevistados. É o que aponta a existência de uma diretoria do Cruz e Sousa (O ALBOR. Laguna, 28 de abril de 1932, n. 1143) composta em sua maioria por sócios do União Operária, sete membros (presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretário, tesoureiro, orador, primeiro e segundo fiscal, faltando no anúncio os cargos de primeiro e segundo procurador e zelador). O primeiro fiscal, Prudêncio Martins, não fazia parte dos registros do União Operária, mas isso não significa que ele também não fosse membro daquela agremiação.

Essa negação de acesso não ocorria em ambos os clubes, conforme apontam as fontes. Apenas os membros do União Operária faziam parte da diretoria e frequentavam o Cruz e

Sousa, o inverso não ocorria. A rigidez dessas fronteiras nos espaços de sociabilidade possibilitou perceber que esses homens e mulheres travavam constantes disputas conformando relações assimétricas e hierarquias sociais.

Seu Antônio Paulo Bento afirma que possuía muitos amigos pretos, o que lhe possibilitava a entrada no Cruz e Sousa, além de ter amigos sócios do clube. O entrevistado também contava com a figura do pai para facilitar sua autorização naquela agremiação, já que ele era uma pessoa muito conhecida em Laguna.

Quer dizer, quem dançava lá no de preto não dançava cá, na Operária que, que era dos moreno tá!? Então era onde que eu tinha muito amigo naquela época, né, que também era preto, então eles não vinha no meu, que era no Operária. Eu então também não podia ir no deles mas, custava, às vezes, e dava uma escapada, e eu entrava né. Quer dizer, na hora h eles me conheciam também muito o meu pai, que eu sou filho do Manuel Bento, então. Aí naquele tempo o apelido do meu pai era Mané Bento, e era muito conhecido também aqui na Laguna. Então eles diziam, ‘ó esse aqui é filho do Mané Bento, deixa ir’. Então agente... Eu ficava ali no meio dos pretinhos. Mas quando eles fosse lá no meu, na Operária, não tinha jeito que não entrava.¹¹ (sic)

Não só a amizade com os pretos ou a figura popular do pai possibilitou a entrada do nosso entrevistado, como ele enfatiza. A sua inserção naquele espaço se dava também pelo fato de o pai estar presente como segundo fiscal na diretoria da sociedade Cruz e Sousa formada no ano de 1932 (O ALBOR. Laguna, 28 de abril de 1932, n. 1143). Seu depoimento deixa evidente que as relações entre pretos e mulatos nada tinham de harmoniosas, permeadas de tensões que resultavam na interdição dos *pretos* no clube dos *mulatos*.

Diferente do senhor Antônio Paulo Bento, o senhor Bento João Antônio, 75 anos aposentado da Eletrosul, destaca que tinha amigos mulatos, mas não frequentava aquele espaço,

Eram meus amigos, mas nós não íamos, onde eles iam nós não íamos! Às vezes passavam por aqui e chamavam nós de macacos, nós éramos amigos, grandes amigos. Mas que eu me lembre não, os que eram da União Operária tinham cabelo bom, e não davam bola mesmo! Não davam bola. Todo mundo, eu, por exemplo, fui chamado de nego preto, [...]. Não preciso nem dizer para ti, mas eu andei bem vestido toda a vida, não tinha inveja de nem

¹¹ BENTO, Antônio Paulo. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.

muito branco e nem muito de mulato, eu me dava bem com os mulatos tinha amigos meus, aquela coisa toda, mas lá eu não ia, eles sabiam que eu não ia¹².

Nosso entrevistado era achincalhado com termos pejorativos por amigos que ele identificava como mulatos, e aqueles o classificavam como preto. Contudo, ele fez questão de enfatizar que para um dos presidentes da Sociedade R. União Operária, o funcionário público Bento Brum, não existia essa separação entre *pretos* e *mulatos*: “com o Bento Brum não tinha essa palhaçada, era um homem forte que trabalhava na estrada de ferro”¹³. E quando acontecia os bailes no União Operária, o próprio presidente em exercício, conforme nosso entrevistado, fazia questão de convidá-lo por meio de seu pai para que participasse das festas.

Segundo o depoimento do senhor Bento João Antônio, parece-nos que esta divisão entre os clubes dependia muito mais do presidente que estava à frente da agremiação e não da maioria dos sócios que frequentavam estas sociedades recreativas. E, conforme Maria Viana da Silva, dona de casa, com 98 anos, viúva e residente em Laguna, existiam duas festas que eram organizadas por essas sociedades recreativas: a festa de Nossa Senhora do Parto e Nossa Senhora da Conceição. Salienta, a nossa entrevistada, que os afrodescendentes de Laguna possuíam cada um o seu espaço e sua festa específica

Cada um tinha o seu clube né. Tinha o Cruz e Souza e a União Operária! A União Operária era dos mulatos. Mulatos! Da minha cor né?! E o Cruz e Souza era dos nego preto! Bem preto! e também tinha a festa da Nossa Senhora do Parto! Que era os mulatos que tomava conta. Os pretos! Os pretos tinham a Nossa Senhora da Conceição, que era a festa deles!¹⁴ (sic)

Identificando-se como mulata, a nossa depoente reforça que as festas organizadas pelo Club Literário Cruz e Sousa eram melhores, e ainda relata as tensões geradas pela retirada da santa, que os pretos homenageavam em sua festa.

É! Nós fazia uns baile muito animado! os baile dos pretos sempre diziam que era mais animado do que os da União Operária. Mais animado era dos pretos! Era! o mais animado! O Cruz e Sousa do que o baile da União Operária. É Nossa Senhora da Conceição era dos pretos. E a Nossa Senhora do Parto, era dos mulatos! Ai teve uma ocasião que o padre, queria tirar dos pretos, a santa! Ficar pra eles. Queria vender, pra outro lugar! é, pra tirar dos

¹² ANTÔNIO, Bento João. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 21 de janeiro de 2010. Entrevista.

¹³ ANTÔNIO, Bento João. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 21 de janeiro de 2010. Entrevista.

¹⁴ SILVA, Maria Viana da. Entrevista concedida a Marilise Luiza Martins dos Reis. Laguna, dezembro, 2010. Entrevista.

pretos. E mandar pra um lugar. Ai já tava no caixote já encaixotado, que era pra ir não sei pra onde é. Ai o, fizeram uma briga os nego, me lembro da falecido Afonso, que morava no Magalhães. Nós saímos do colégio, ai todo mundo foi ver aquela brigassada que queriam que o padre queria tirar a santa é, pra tirar dos pretos. E mandar pra um lugar encaixotaram, e iam mandar pro estrangeiro, não sei o que era! Vendida! No navio! Naquele tempo era! Ai os nego descobriram, ai vieram na igreja. Seu Afonso tava de manga de camisa, brigando pra tirar assim que o padre, pra tirar de dentro do caixote e botar no altar, ai os nego aqui tomava a conta da santa no altar e que não era pra tirar a santa e mandar pro estrangeiro, conseguiram. Fizeram uma brigassada na igreja, ai a gente saio do colégio pra ver! Encheu toda igreja! O seu Afonso era um nego preto! Suava que só vendo!, ai tiraram mesmo! Tiraram e colocaram como ele queria! (sic)

Conforme a depoente, os *pretos* cuidavam da santa no altar e organizavam a festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Conjecturemos que, no momento da festa dos *pretos* em homenagem a essa santa, houvessem manifestações culturais das populações de origem africana, que desagradavam tanto o padre quanto as elites locais, culminando na venda ou na retirada da santa para que a festa fosse encerrada. Trata-se apenas de uma hipótese, visto a falta de vestígios suficientes para compreender quais motivos levariam o sacerdote a vender a santa, deixando seus fiéis sem sua referência devocional.

Uma das entrevistadas fornece indícios de que as classificações dos afrodescendentes no Brasil eram imprecisas. Para Maria Viana da Silva, o senhor Afonso era um “nego preto” como ela afirma na citação acima e, confrontando seu depoimento com o de outro entrevistado, o radialista João Manoel Vicente, um *mulato*, como ele afirma. “Afonso Sabino, esse eu conheci. Affonso Sabino morava ali na Praça César França de Magalhães. Era um mulato gordo, músico né”¹⁵. A depoente não especifica o sobrenome do personagem que enfrentou o padre, conquistando o direito de ter a santa novamente no altar da Igreja Santo Antônio dos Anjos. É possível que seja a mesma pessoa e ambos classificaram esse homem com categorias distintas.

Provavelmente ele estava sendo classificado por ambos, com base nas próprias referências e identificações dos comentadores. Maria se autot classificava como *mulata*, vendo Afonso como *preto*, enquanto João Manoel, por ser eurodescendente identificava este mesmo como *mulato*. O mesmo sujeito fazia parte das duas sociedades recreativas, como apontam

¹⁵ VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio Cesar da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

nossas fontes. Talvez, para esse cidadão afrodescendente de Laguna, as nuances da pele não fizeram diferença, não impediram sua circulação em ambas as agremiações. E, como afirma Lilia Moritz Schwarcz, “afinal, estabelecer uma ‘linha de cor’ no Brasil é ato temerário, já que essa é capaz de variar de acordo com a condição social do indivíduo, o local e mesmo a situação” (SCHWARCZ, 1998, p. 182).

De acordo Maria Viana da Silva, o clube União Operária era frequentado por *pretos* que tinham certo poder aquisitivo, confirmando a afirmação de Schwarcz, de que a situação financeira permitia a entrada de *pretos* na sociedade, como relata a entrevistada: “mas tinha preto também na União Operária!, tinha uns preto pouzudo, de classe média! É, mais preto que também era dali! [da União Operária] mas preto, mas desde que tivesse assim, uma vendinha, ai podia ir pra União Operária, é uma coisa assim”¹⁶. (sic)

Além de temerária, a identificação racial no Brasil sempre foi, e é um fato mal resolvido, como assinala Ilka Boaventura Leite: “retirados de sua categoria de conceito, os termos usados para nomear os povos estudados foram utilizados como se não tivessem uma carga simbólica, como se fossem ‘neutros’” (LEITE, 1987, p.6). Além de não neutros, esses termos carregam em si uma carga subjetiva, como afirma a autora, e pensar estas categorias, como negro, preto, mulato e pardo, tomando-se por base a “uniformização elaborada pelos sistemas racionalistas do século XIX” (MAFESOLLI, 2005, p. 62), incorre, muitas vezes, anacronismos, olhando para o passado com os olhos do presente e não com “os olhos de quem viveu”, não para captar “todo sofrimento e ruínas”, porém para entender como esses agentes históricos se percebiam e viam o mundo em que viveram.

As relações que essas sociedades recreativas estabeleciam com outras agremiações da cidade de Laguna, se intensificavam no carnaval, momento em que as sociedades recreativas de afrodescendentes e eurodescendentes partilhavam do mesmo espaço. No carnaval, todos os clubes faziam apresentações de seus blocos de carnaval, desfilando e exibindo fantasias na nos cortejos da cidade. Momento, talvez, de maior proximidade entre esses sujeitos nos mesmos espaços de sociabilidade e lazer, mas ainda insuficientes para diminuir o preconceito, a exclusão e discriminação nesses ambientes.

¹⁶ SILVA, Maria Viana da. Entrevista concedida a Marilise Luiza Martins dos Reis. Laguna, dezembro. Entrevista.

O clube Cruz e Sousa, conhecido como clube dos *pretos*, teve suas atividades encerradas em meados de 1950. Esta agremiação também utilizou das mesmas ferramentas que o Clube União Operária para divulgar suas ações: festas, peças teatrais, eleições de diretorias, que nos possibilitaram através desses registros deixados por essa sociedade visibilizar a história e a presença afro-brasileira em Santa Catarina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro exposto, o presente texto objetivou discutir a construção das relações/tensões entre *pretos* e *mulatos* nas seguintes sociedades recreativas: a Sociedade Recreativa União Operária¹⁷, fundada em 09 de fevereiro de 1903, sediada primeiramente na Rua 1º de Março (O ALBOR. Laguna. 31 de dezembro de 1904, n. 25), conhecida na cidade como o “clube dos mulatos”; e o Clube Literário Cruz e Sousa, fundado no dia 29 de junho de 1906, tendo sua sede localizada na Rua Osvaldo Aranha, conhecido pela comunidade como “clube dos pretos”¹⁸.

Nossa investigação tem como tema central perceber como as categorias *preto* e *mulato* foram se construindo, em especial a partir de tensões entre os clubes e seus associados, bem como perceber como os dois grupos interagem entre si e operavam suas identidades por meio do acesso ou da exclusão nas duas sociedades recreativas.

Dessa forma, procuramos entender qual era o significado de ser “*mulato*” e de ser “*preto*” para esses homens e mulheres naquele contexto. Intentamos ainda compreender como as pessoas e os grupos viam a si próprios, não como “negros” e sim por meio de identidades que os afastassem dos vínculos que a antiga condição de escravizado significava. Investigaremos como essas múltiplas identidades e identificações, que, conforme apontam as fontes, possivelmente não se constituíram somente ligadas à “cor”, mas ao que tudo indica também ao seu *status* social.

Esta proposta de estudo pensa a construção da identidade negra pelo viés da tensão, desvinculada de um olhar único e monolítico, tendo em vista que, geralmente, as associações negras estudadas, pensam a construção dessas identidades a partir da discriminação e da

¹⁷ Ainda hoje em atividade.

¹⁸ O Clube Literário Cruz e Sousa fundado no dia 29 de junho de 1906 era conhecido na cidade de Laguna como clube dos *pretos*, segundo as memórias dos entrevistados, porque os sujeitos autodenominados *pretos* eram impedidos de frequentar o Clube União Operária conhecido na mesma cidade como clube dos *mulatos*.

exclusão. E, dessa forma, com esta pesquisa, procuro contribuir com os demais trabalhos já realizados para preencher esta lacuna, visando perceber como as identidades são construídas no conflito, articulando debate acadêmico, militância e luta antirracista, fruto de novos temas e abordagens desde a década de 1980.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. **As Organizações Negras em São Carlos: Política e Identidade Cultural**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.

BERNALDO, Pedro Paulo. **Sociedade recreativa União Operária: Um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra criciumense (1950-1970)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, Criciúma, 2005.

BITENCOURT, João Batista. **Clio positivada: a artesanaria da cidade histórica de Laguna**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

BITENCOURT, João Batista. Da cultura política do estado novo: o condicionamento cívico. **Revista Esboços**, vol. 12, n. 14, 2005, p. 191-200.

_____. Da salubridade à eugenia: cidade e população no Estado Novo. **Espaço Plural**, Ano VIII, n. 17, 2007, p. 55-64.

BITTENCOURT, Iosvaldyr. A Esquina do Zaire. In: LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil**. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CABRAL, Oswaldo R. **Laguna e outros ensaios**. Florianópolis: IOESC, 1939.

CAMPOS, Gizely Cesconetto de. **Patrimônio edificado de Laguna: conhecer, interpretar e preservar**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, 2007.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A Luta contra a apatia: estudo da instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)**. Itajaí: Casa Aberta, 2012.

CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido. **Negros de Lages: memória e experiência de afrodescendentes no planalto serrano**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. A cor inexistente: relações raciais e trabalho rural no Rio de Janeiro pós-escravidão. **Estudos afro-asiáticos**, n. 28, 1995, p. 101-127.

COSTA, Sergio. A Construção Sociológica da Raça no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 1, 2002, p. 35-61.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOMINGUES, Petrônio José. **A nova Abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. 3 Ed. São Paulo: Ática, 1978.

KABENGELE, Daniela do Carmo. As inflexões do termo pardo na trajetória de Antônio Ferreira Cesarino (Campinas, século XIX). **Juiz de Fora**, v. 4, n. 1 e 2, 2009, p. 101-112.

LEITE, Ilka Boaventura. **Ser “negro”**: os sentidos da cor e as impurezas do nome. Trabalho apresentado para o concurso de professor adjunto a Cadeira de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais na UFSC, 1987.

LUCINDO, Willian Robson Soares. **Educação no pós-abolição**: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931). Itajaí: Casa Aberta, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo pós-moderno. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARIA, Maria das Graças. *“Imagens invisíveis de Áfricas presentes”*: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSA, Júlio César da. Negros em Laguna: (In)visibilidade das populações afrodescendentes em Laguna na primeira metade do século XX. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, n. 34, vol. 1, 2016, p. 266-287.

SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). **Revista Brasileira de História**, vol. 35, 2015, n. 69. p. 131-154.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: _____. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

SIEGEL, Micol. Mães pretas, filhos cidadãos. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. **Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2007.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.